



BALANÇO DO SETOR ELETROELETRÔNICO NO ANO 2020 E PERSPECTIVAS PARA 2021

1. A economia brasileira em 2020

Em seu último relatório sobre a economia mundial (*World Economic Outlook* de outubro de 2020), o FMI projeta queda do PIB mundial de 4,4% neste ano e aumento de 5,2% em 2021.

Esses números são bem melhores do que os estimados em abril passado, no auge da pandemia. Isso significa que a recuperação da economia mundial, a partir de maio-junho, tem sido mais intensa do que se previa. Quanto ao volume de comércio mundial, o FMI estima queda de 10,4% neste ano e aumento de 8,3% no ano próximo. No entanto, essas projeções envolvem riscos importantes devido à trajetória incerta da pandemia. Por exemplo, a chamada “segunda onda” tem levado a Europa a se fechar novamente, com consequências econômicas negativas. O segundo risco que merece ser citado é de caráter fiscal. O aumento dos gastos governamentais para atenuar os males da pandemia gerou, em muitos países, trajetórias explosivas da dívida pública, colocando um grave problema para o futuro. Estima-se que, em média, o aumento de despesas dos governos foi da ordem de 9% do PIB, além de mais 11% do PIB em expansão de crédito, suporte de liquidez, garantias de crédito e outros programas.

As projeções para a América Latina e o Brasil em particular são mais pessimistas. O FMI estima que a queda do PIB na região será de 8,1% em 2020, com recuperação de 3,6% em 2021. Para o Brasil, a atual previsão do Fundo é de queda de 5,8% em 2020 e aumento de 2,8% em 2021. A Abinee tem um cenário melhor do que este: queda de 5% este ano e aumento de 3,5% no próximo. Seja como for, não será possível recuperar o nível de renda e muito menos os níveis de emprego de 2019.

2. O setor eletroeletrônico em 2020

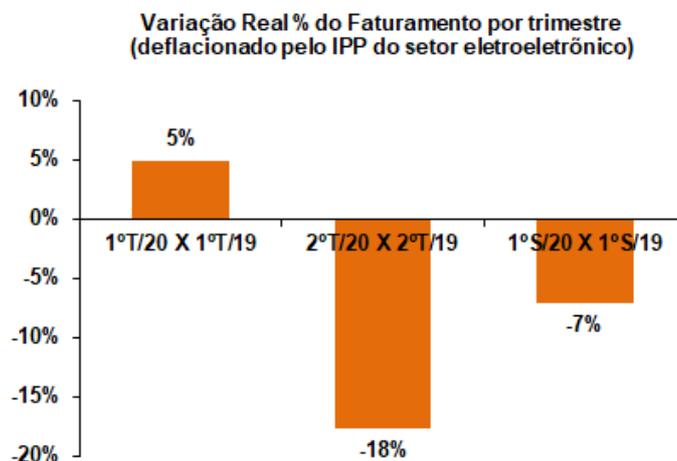
2.1 Faturamento

O faturamento da indústria eletroeletrônica recuou 18% no 2º trimestre de 2020 em relação ao igual período do ano passado, em termos reais, ou seja, descontando a inflação através do Índice de Preços ao Produtor - IPP do setor eletroeletrônico do IBGE.

Essa forte retração foi consequência da pandemia de Covid-19 que chegou ao Brasil em meados de março, impactando na atividade econômica principalmente nos meses de abril e maio de 2020.

Vale lembrar que no 1º trimestre do ano, o faturamento do setor havia crescido 5% em relação ao igual período do ano passado.

Com esses resultados, no acumulado do 1º semestre de 2020, observou-se queda de 7% no faturamento do setor comparado ao 1º semestre de 2019.



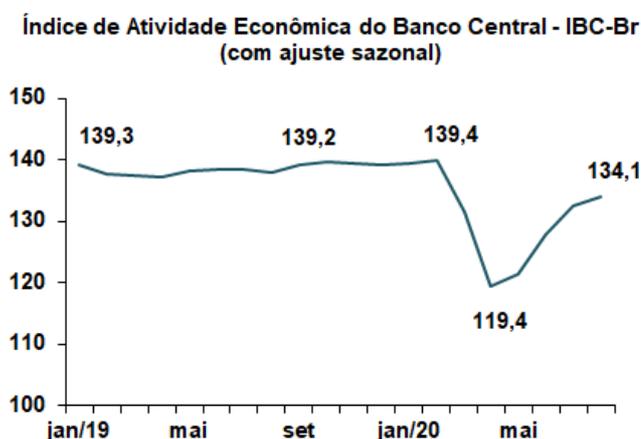
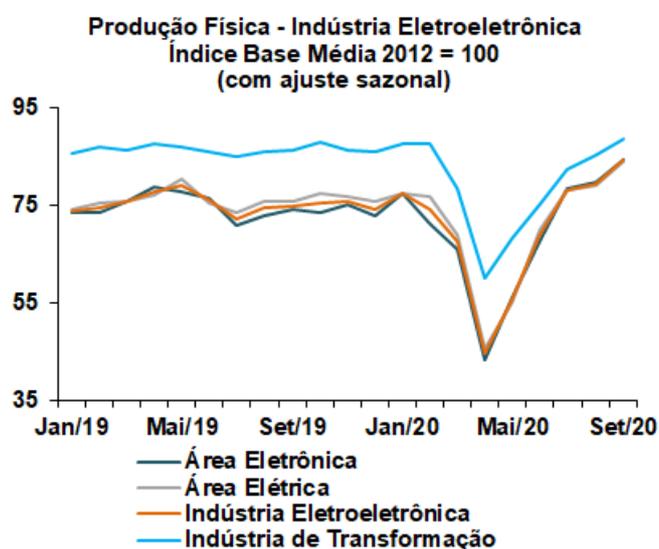
2.2 Produção

A produção da indústria eletroeletrônica começou a recuar a partir de fevereiro deste ano, uma vez que a produção de bens eletrônicos já estava sendo prejudicada pelos problemas no recebimento de materiais, componentes e insumos da China, onde o fechamento da economia já tinha sido iniciado. No mês de abril de 2020, a produção do setor apontou a maior queda da série histórica iniciada no início de 2002.

Esse resultado refletiu os efeitos do isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19, que chegou no Brasil em março deste ano.

A partir do mês de maio, a produção voltou a indicar crescimento ao comparar com o mês imediatamente anterior (com ajuste sazonal). No mês de setembro de 2020, após cinco incrementos consecutivos, a produção do setor ultrapassou os patamares observados no início deste ano, período anterior ao afetado pela pandemia.

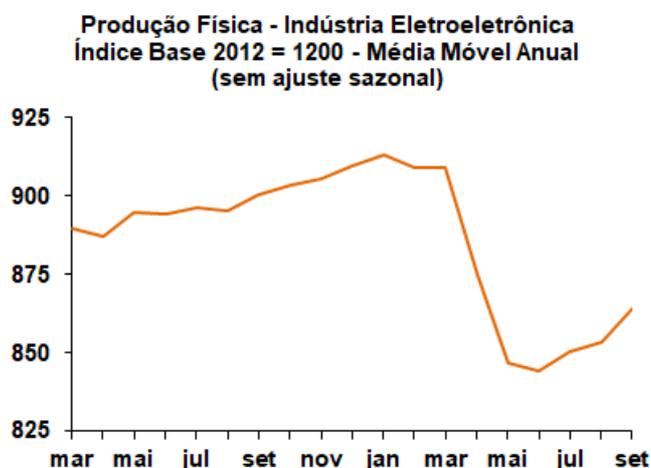
Essa melhora foi verificada tanto na indústria eletroeletrônica (nas áreas elétrica e eletrônica), quanto na indústria de transformação.



O comportamento da produção do setor está bastante similar ao desempenho do Índice de Atividade Econômica do Banco Central – IBC-Br, que seguia estável em 2019, apontando forte retração em abril de 2020, e iniciando uma retomada a partir de maio. Com o resultado do mês de agosto (último dado disponível), nota-se que esse indicador vem se aproximando aos patamares anteriores à pandemia.

Ainda referente à produção física da indústria eletroeletrônica, observa-se no gráfico da média móvel anual que a produção vinha mostrando melhora nos últimos meses do ano passado, piorando a partir de fevereiro de 2020. A retração desse indicador agravou-se a partir do mês de março, permanecendo em queda até junho.

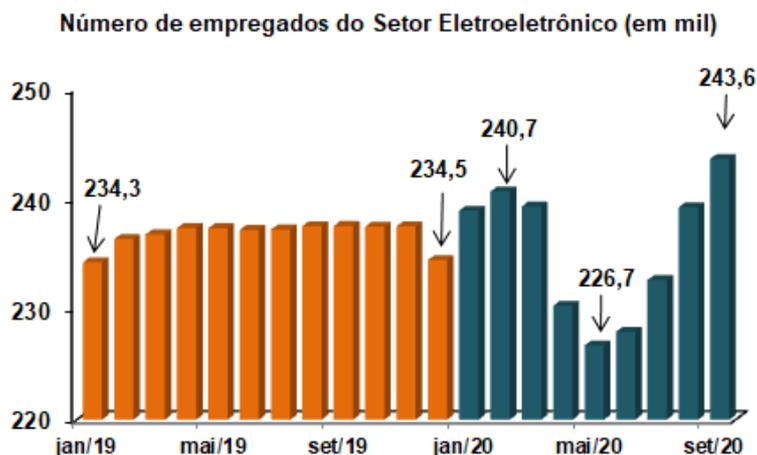
Contudo, a partir de julho de 2020 já foi possível observar melhora neste índice, sugerindo retomada da atividade. É importante que esse indicador continue crescendo nos próximos meses para que esse processo se confirme.



2.3 Emprego

A indústria eletroeletrônica, conforme dados do Novo Caged, abriu 4.373 vagas de trabalho no mês de setembro, atingindo 243,6 mil trabalhadores. Esse resultado é o saldo do nível de emprego do setor, ou seja, a diferença entre admissões e desligamentos.

Esse foi o quarto incremento consecutivo após três quedas seguidas. Dessa forma, o nível de emprego do setor, além de ultrapassar os patamares registrados antes do início da pandemia de Covid-19, que havia atingido 240,7 mil funcionários em fevereiro deste ano, também foi o maior desde março de 2016 (242,7 mil).



Destaca-se que os incrementos observados nos quatro meses, que totalizaram 16,9 mil empregados, compensaram toda queda verificada entre os meses de março e maio, que atingiu 13,9 mil trabalhadores.

Número de Empregados do Setor Eletroeletrônico

Meses	Admissões	Desligamentos	Saldo *	Total
set/19	5.310	5.294	16	237.544
dez/19	2.732	5.793	-3.061	234.454
jan/20	10.238	5.770	4.468	238.922
fev/20	9.242	7.490	1.752	240.674
mar/20	7.213	8.563	-1.350	239.324
abr/20	2.088	11.094	-9.006	230.318
mai/20	2.778	6.367	-3.589	226.729
jun/20	6.019	4.772	1.247	227.976
jul/20	9.584	4.905	4.679	232.655
ago/20	11.740	5.153	6.587	239.242
set/20	10.767	6.394	4.373	243.615

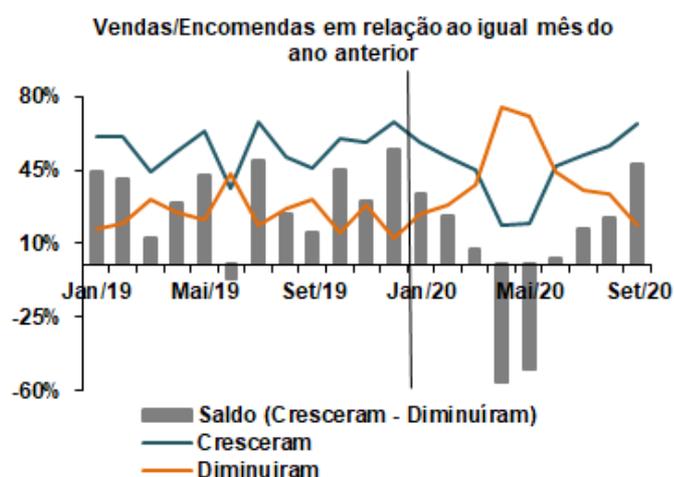
* Saldo = Admissões - Desligamentos

2.4 Vendas/Encomendas

No mês de setembro de 2020, a sondagem de conjuntura da indústria eletroeletrônica continuou apresentando melhora nos principais indicadores do setor. Esse comportamento já vem sendo identificado desde junho deste ano.

Nesse último levantamento, aumentou de 56% para 67% o número de empresas que citaram elevação nas vendas/encomendas em relação ao igual mês do ano passado. Destaca-se que este resultado foi 48 pontos percentuais acima do verificado em abril deste ano (19%), como se pode ver no gráfico ao lado.

Notou-se também a redução de 34% para 19% nas indicações de queda nas vendas/encomendas. Vale lembrar que, em abril, esse percentual havia atingido 75% das entrevistadas.

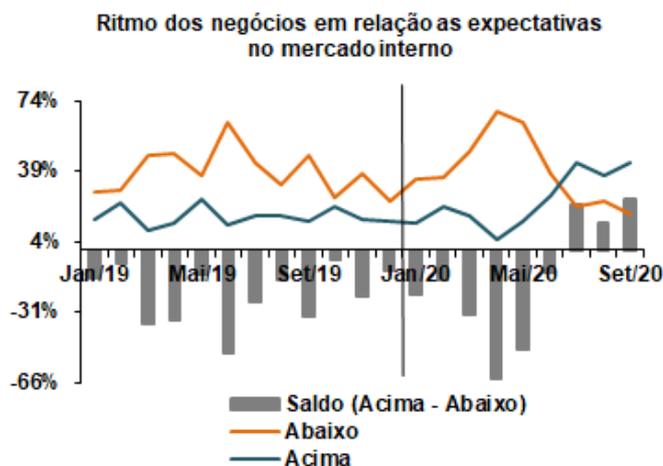


Pesquisa	Jul/20	Ago/20	Set/20
Cresceram	52%	56%	67%
Estáveis	13%	10%	14%
Diminuíram	35%	34%	19%
Saldo	17%	22%	48%

2.5 Ritmo dos negócios

Também foi favorável a redução de 24% em agosto de 2020 para 18% em setembro de 2020 no percentual de empresas que observaram negócios abaixo do esperado, apontando o menor

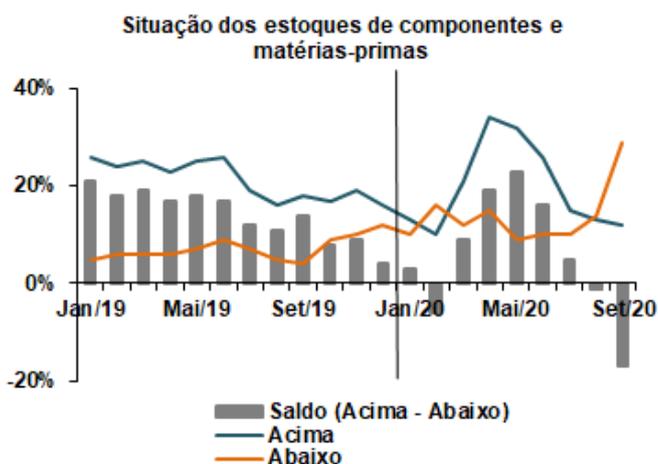
patamar deste ano. Vale lembrar que esse percentual atingiu 69% em abril, período mais afetado pelos impactos da pandemia.



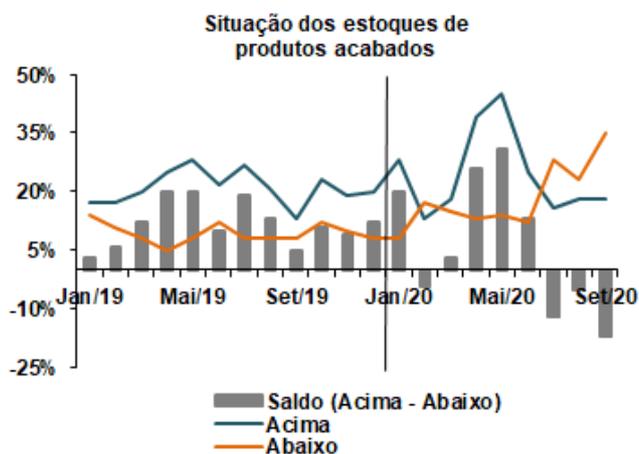
Pesquisa	Jul/20	Ago/20	Set/20
Conforme	36%	39%	39%
Abaixo	21%	24%	18%
Acima	43%	37%	43%
Saldo	22%	13%	25%

2.6 Estoques de componentes e matérias-primas e de produtos acabados

No que se refere aos estoques, destacou-se a elevação no número de pesquisadas com estoques abaixo do normal, tanto no caso de componentes e matérias-primas (que passou de 14% em agosto para 29% em setembro), como nos produtos acabados (que aumentou de 23% para 35% no período citado).



Pesquisa	Jul/20	Ago/20	Set/20
Normal	75%	73%	59%
Acima	15%	13%	12%
Abaixo	10%	14%	29%
Saldo	5%	-1%	-17%

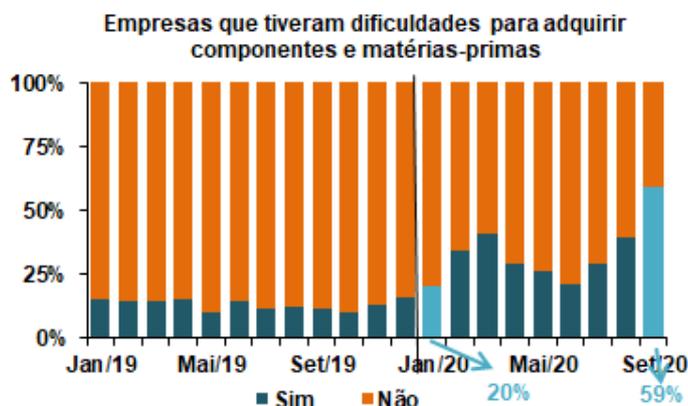


Pesquisa	Jul/20	Ago/20	Set/20
Normal	56%	59%	47%
Acima	16%	18%	18%
Abaixo	28%	23%	35%
Saldo	-12%	-5%	-17%

2.7 Aquisição de componentes e matérias-primas

Destacou-se a ampliação, pela terceira vez seguida, no número de empresas que sentiram dificuldades para adquirir componentes e matérias-primas, que estava em 21% em junho, passou para 29% em julho, aumentou para 39% em agosto e subiu para 59% em setembro.

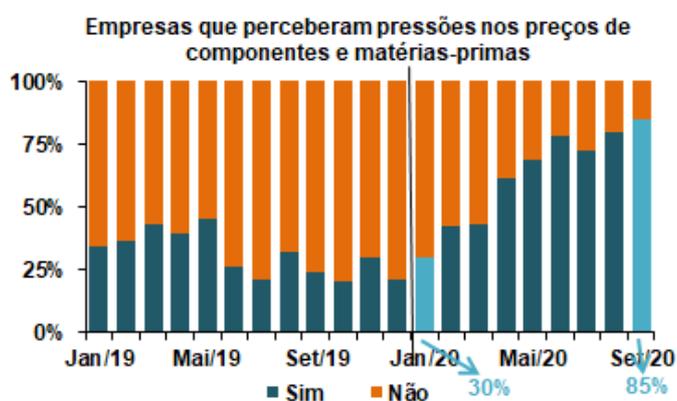
Conforme as empresas, os produtores de insumos pararam suas atividades durante o pior momento da pandemia, paralisando fornos e queimando estoques. Neste momento em que a atividade econômica está sendo retomada, os fabricantes de insumos estão com dificuldades para atender à demanda, o que gera aumento de preços, ou até mesmo desabastecimento em certos casos.



2.8 Pressões nos custos de componentes e matérias-primas

Também vem sendo observada ampliação no número de empresas que perceberam pressões acima do normal nos custos de componentes e matérias-primas, que passou de 72% em julho de 2020, para 80% em agosto e aumentando para 85% em setembro. Este foi o maior percentual deste ano, resultado muito acima do verificado em janeiro, que estava em 30%.

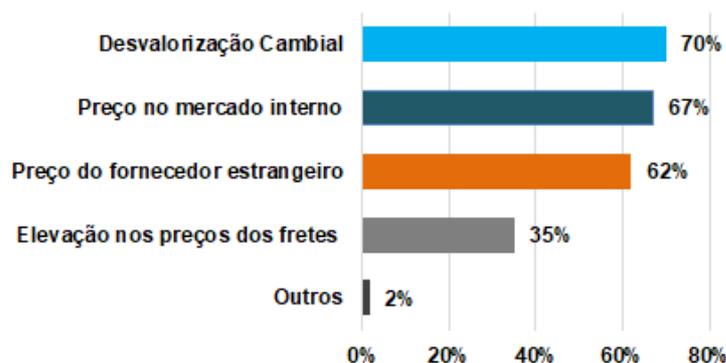
Entre os principais fatores que estão gerando a elevação nos custos de componentes e matérias-primas, a desvalorização cambial foi citada por 70% das entrevistadas.



Destacaram-se as fortes oscilações na taxa de câmbio. Vale lembrar que em setembro do ano passado, o dólar estava sendo cotado a R\$ 4,12 e em setembro desse ano atingiu R\$ 5,40 (média mensal). Ainda referente a essa questão, além da desvalorização cambial, também foram citados outros motivos para o acréscimo nos preços de componentes e matérias-primas, tais como:

- ✓ aumento do preço dos componentes ou matérias-primas de fornecedor no mercado interno, citado por 67% das empresas;
- ✓ elevação no preço de fornecedor estrangeiro (adquirido por importação), indicado por 62% das entrevistadas;
- ✓ incremento nos preços dos fretes marítimo e aéreo observado por 35% das pesquisadas.

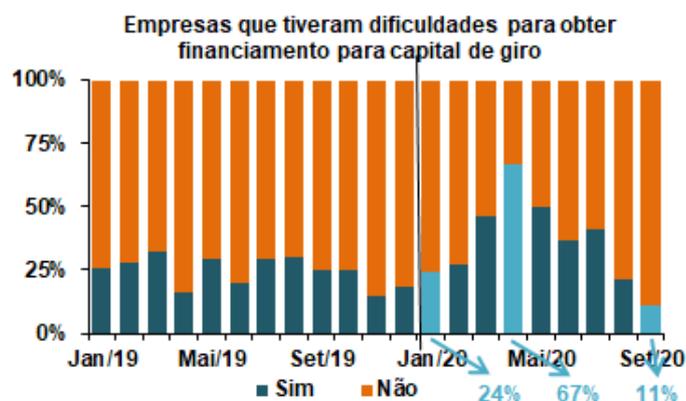
Principais fatores que geraram o aumento nos custos de componentes e matérias-primas



2.9 Acesso ao crédito

Observou-se, entre as empresas que utilizam financiamentos para capital de giro, queda de 21% em agosto para 11% em setembro no número de entrevistadas que relataram dificuldades na sua obtenção.

Esse foi o menor percentual apontado neste ano, que chegou a atingir 67% em abril. Destaca-se que a dificuldade no acesso ao crédito foi um dos principais entraves encontrados pelas empresas desde o início da pandemia.



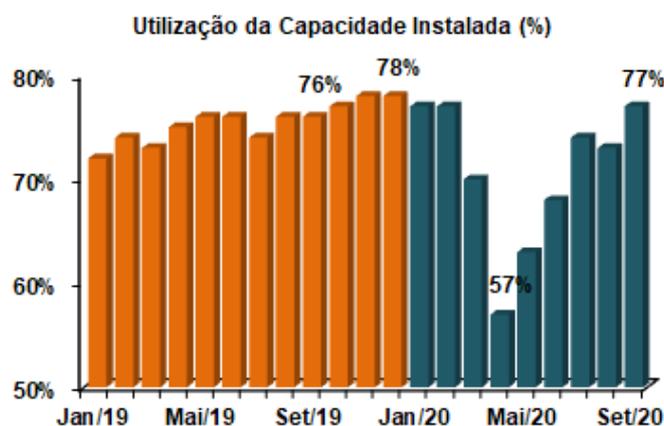
Ainda referente aos financiamentos para capital de giro, 73% das entrevistadas relataram na sondagem de setembro de 2020 que não utilizam esses recursos.

No que se refere ao acesso ao crédito em geral, não somente para capital de giro, um levantamento realizado pela Abinee no mês de agosto deste ano identificou que 78% das empresas que procuraram os bancos públicos relataram dificuldades, tais como: análise de crédito negada sem motivo informado; indisponibilidade de verba do Pronampe – Programa Nacional de apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte; exigências de garantias reais; aumento considerável no custo de captação; demora na análise de solicitação do FGI – Fundo Garantidor de Crédito, entre outros.

No caso dos bancos privados, 50% das empresas informaram as mesmas dificuldades encontradas nos bancos públicos.

2.10 Utilização da capacidade instalada

A utilização da capacidade instalada aumentou 4 pontos percentuais, atingindo 77% no mês de setembro, alcançando o patamar observado em janeiro e fevereiro deste ano. Vale lembrar que esse indicador chegou a atingir apenas 57% no mês de abril.

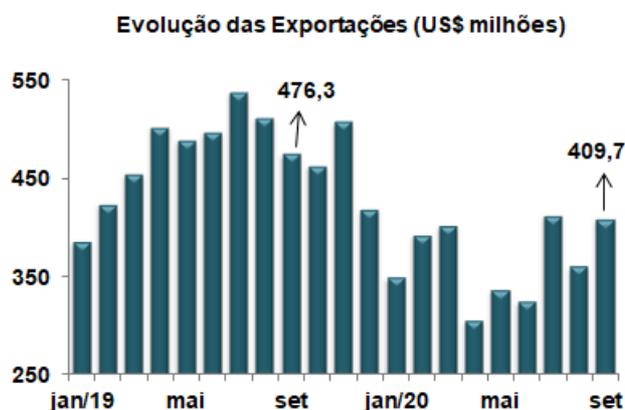


2.11 Exportações

As exportações de produtos eletroeletrônicos somaram US\$ 409,7 milhões no mês de setembro de 2020, 14,0% abaixo das realizadas em setembro de 2019 (US\$ 476,3 milhões).

Com a chegada do Coronavírus ao Brasil em meados de março de 2020, as quedas nas exportações se agravaram, apontando taxas de retração mais expressivas a partir de abril.

O resultado de setembro apresentou melhora ao comparar com os piores cenários registrados no período entre abril e junho, porém, ainda permanece muito abaixo do verificado em setembro de 2019 e dos anos anteriores.

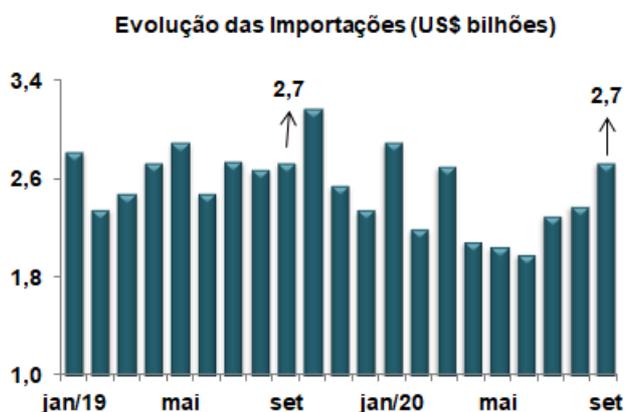


2.12 Importações

As importações de produtos do setor somaram US\$ 2,73 bilhões no mês de setembro de 2020, 14,7% acima das registradas no mês imediatamente anterior.

Esse foi o terceiro crescimento consecutivo que vem sendo observado desde junho desse ano.

Vale lembrar que as importações foram fortemente afetadas pela retração da atividade econômica decorrente da pandemia de Covid-19, que está ocorrendo no mundo.

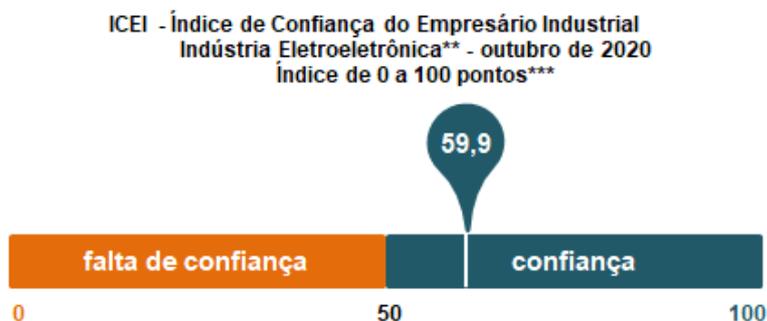


Outro fator que vem inibindo as importações é a já citada desvalorização cambial.

Notou-se, porém, que apesar desses fatores, pela primeira vez desde março, as importações mensais de 2020 ficaram próximas do registrado no mesmo período do ano passado.

2.13 Índice de Confiança do Empresário Industrial

No mês de outubro de 2020, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) do Setor Eletroeletrônico, conforme dados da CNI agregados pela Abinee, atingiu 59,9 pontos, 3,2 pontos abaixo do verificado em setembro deste ano (63,1).



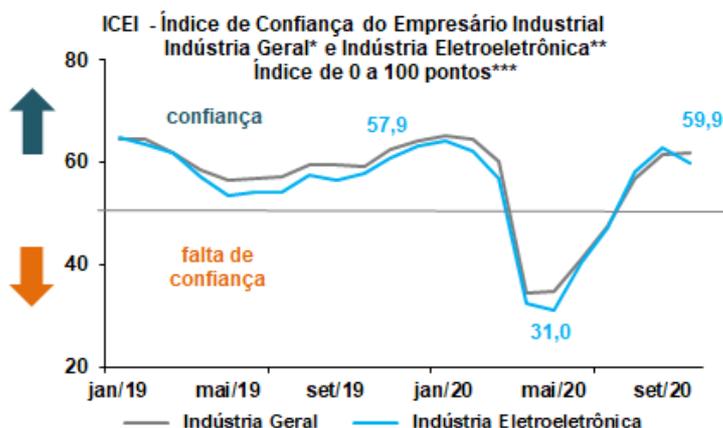
Essa foi a primeira queda após quatro aumentos consecutivos. Apesar dessa redução, o ICEI permaneceu acima da linha divisória dos 50 pontos pelo terceiro mês seguido, o que demonstra que o empresário industrial do setor permanece confiante.

As empresas do setor eletroeletrônico esperam que a retomada da atividade continue nos próximos meses. Porém, estão atentas à evolução da pandemia no Brasil e no mundo, e também nas ações que serão realizadas pelo governo para amenizar esses impactos na economia.

Vale lembrar que o ICEI varia de 0 a 100 pontos, sendo que valores acima de 50 pontos mostram confiança do empresário industrial e abaixo de 50 pontos apontam falta de confiança.

Nota-se também que o ICEI de outubro de 2020 foi superior ao verificado em outubro do ano passado (57,9 pontos)

Destaca-se que o comportamento do empresário da indústria eletroeletrônica foi bastante similar ao do empresário da indústria geral, como mostra o gráfico a seguir.



* dados CNI

** dados CNI, agregação ABINEE

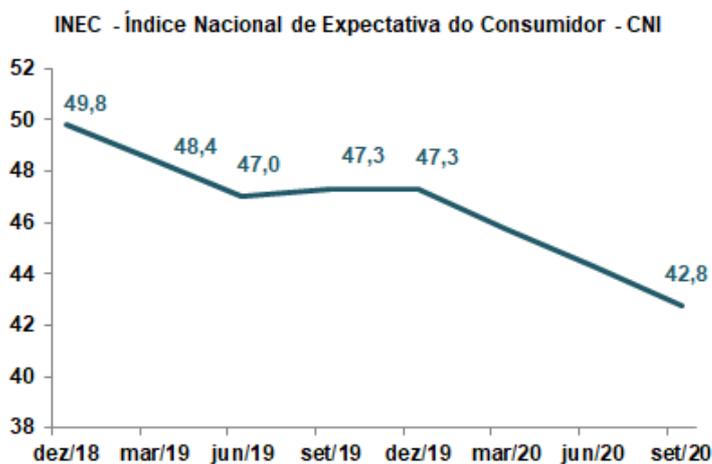
*** valores acima de 50 pontos indicam confiança e abaixo de 50 pontos mostram falta de confiança

Fonte: Abinee/CNI

2.14 Índice Nacional de Expectativa do Consumidor

Conforme dados divulgados pela CNI, o INEC - Índice Nacional de Expectativa do Consumidor ficou em 42,8 pontos, 4,5 pontos abaixo do verificado em dezembro, que estava em 47,3 pontos, último resultado disponível.

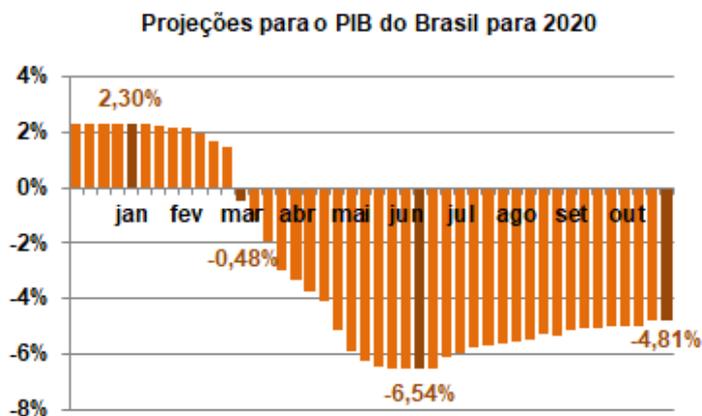
Esse indicador mostra a falta de confiança do consumidor devido aos efeitos da pandemia na economia, principalmente no que se refere ao emprego e a renda.



2.15 Expectativas

Diante das incertezas que estão ocorrendo no Brasil e no mundo, as avaliações quanto aos efeitos negativos decorrentes da pandemia de Covid-19 estão sendo revisadas constantemente.

É importante lembrar que, segundo o Boletim Focus do Banco Central, na primeira semana de janeiro, a projeção do PIB do País para 2020 era de crescimento de 2,30%. Em março, essa taxa tornou-se negativa, chegando a atingir -6,54% no mês de junho. A partir da segunda semana de julho, com a melhora de alguns indicadores da economia, começaram a ser observadas pequenas reduções na taxa negativa projetada para o PIB. Na última divulgação do Banco Central, na semana do dia 30 de outubro, a projeção estava em -4,81%.



Em setembro, a OCDE passou a projetar uma queda de 6,5% para o Brasil em 2020, ante estimativa anterior de retração de 7,4%. Apesar de ser mais pessimista que o Boletim Focus, a queda está mais amena do que a projeção anterior. No início de outubro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) também melhorou sua projeção para a economia brasileira para 2020, alterando sua previsão de queda de 9,1%, publicada em meados desse ano, para retração de 5,8%.

No caso da indústria eletroeletrônica, as projeções também vêm melhorando nos últimos meses. Na sondagem realizada em setembro de 2020, 54% das entrevistadas apontaram expectativas de crescimento para 2020 em relação ao ano passado.

Esse foi o quinto aumento consecutivo, visto que em abril apenas 23% das entrevistadas projetavam crescimento para esse ano.



Pesquisa	Jul/20	Ago/20	Set/20
Crescimento	40%	41%	54%
Queda	35%	35%	22%
Estabilidade	25%	24%	24%
Saldo	5%	6%	32%

Ainda referente às previsões para 2020, 22% das empresas esperam queda para este ano, 13 pontos percentuais abaixo das indicações verificadas na sondagem anterior (35%). As demais entrevistadas (24%) projetam estabilidade, resultado igual ao da pesquisa anterior.

O levantamento realizado em setembro também mostrou que as expectativas para 2021 estão otimistas, com 70% das entrevistadas projetando crescimento em comparação a 2020, 29% estão prevendo estabilidade e apenas 1% espera queda.

As empresas do setor eletroeletrônico esperam que a retomada da atividade continue nos próximos meses. Porém, conforme as pesquisadas, será necessário continuar acompanhando a evolução da pandemia no Brasil e no mundo.

As entrevistadas também estão atentas às próximas ações que serão realizadas pelo governo para amenizar esses impactos na economia.

3. Problemas pendentes

A despeito do cenário favorável descrito para o próximo ano, é necessário destacar alguns riscos que podem comprometer o desempenho do País.

Além das próprias incertezas sobre a evolução da pandemia, já comentadas, uma questão fundamental está em aberto: o enfrentamento da grave crise fiscal em que temos vivido. Esta crise, que vem sendo gestada desde o governo Dilma, foi fortemente agravada pelo aumento extraordinário de gastos para combater a pandemia. Neste ano, o déficit primário do Governo Federal deverá atingir 11,5% do PIB (0,9% no ano passado) e provavelmente cair para algo em torno de 3% em 2021. O resultado tem sido o crescimento insustentável da dívida pública - que deve chegar próxima de 100% do PIB, a dificuldade de rolagem dessa dívida e a desconfiança dos mercados financeiros na solvência do governo. A desvalorização e volatilidade exagerada da taxa de câmbio é uma das consequências. A crise fiscal inibe os investimentos tanto internos como internacionais, os planos de privatizações do governo e compromete o crescimento mais robusto da economia.

Os projetos de reforma fiscal que estão no Congresso Nacional, se aprovados em tempo, podem devolver a confiança e promover maior estabilidade, porém nem sequer começaram a ser apreciados. A expectativa é que, após as eleições municipais, eles voltem à pauta.

Elaboração: Departamento de Economia da Abinee – Diretor Responsável Celso Luiz Martone - Professor Titular do Departamento de Economia da FEA/USP

Abinee/Decon – 05/11/2020